

FANTASIAS DE MOZART, PARA TECLA

Jorge Vaz de Carvalho*

Jorge de Sena explica, nas “Notas” a *Arte de Música*, que o poema “Fantasias de Mozart, para Tecla” (de 18/9/65) tem por base as quatro composições K. 396, K. 397, K. 475 e K. 608, com especial incidência nas segunda e terceira, poeticamente verbalizadas a partir da experiência de as escutar na interpretação do pianista Wilhelm Kempf (gravação de 1962). Começa Sena por situar historicamente as *Fantasias* de Mozart na transição do classicismo (significado por Haydn) para a prática romântica (significada por Chopin), ou seja, de uma escrita cujo aspecto de improvisação é, apesar de tudo, uma imaginação modelada pelas regras do tempo, para outra menos condicionada na invenção melódica e harmónica, no desenvolvimento temático, mais disponível para súbitas mudanças de atmosfera, mais livre para a expressão audaz de emoções e sentimentos.

Se a música é estrutura, compõe-se com estados psicológicos, disposições de espírito, vivências pessoais e, decerto, com as circunstâncias históricas e culturais da sua criação. A “vida oculta” que Sena escuta em Mozart é a exaltação interior que não se pacifica na sua existência normal limitada, enquanto ser humano e criador musical. A “Fantasia em Ré menor”, em particular, na sua atmosfera atormentada que nunca se desanuvia, de um patético que a breve alegria final não chega a debelar, exemplifica como o compositor aproveita a forma (a que “fingia escravizar-se/ alegremente”) e inspiração mais livres para exprimir, quanto possível, a “consciência crítica da vida”. A necessidade de soltar o ar opressivo dos afogos pessoais e dos constrangimentos sociais, conquistar a liberdade musical e humana, a afirmação de, aos vinte e cinco anos, e pela primeira vez, um músico ter reivindicado e alcançado a independência em relação ao seu proprietário (o príncipe-arcebispo de Salzburgo), resolvido a soltar-se da condição servil, e

arriscar, até à miséria e ao abandono, viver autonomamente do seu trabalho talentoso. Eis a “alma” que Sena sente perpassar em Mozart: o génio de dar expressão musical subjectiva ao mais objectivo “sentimento do mundo”, porque “através da criação/ de formas que se multiplicam”, se liga além de si simpaticamente aos outros, à aspiração humana de “aceitar-se a vida como sonhos ascensional”. Transcende-se o criador quando dá dimensão universal à própria vida interior, e na sua música soa, “além da consciência de si mesmo”, a vontade de uma humanidade “colectivamente feliz”.

O poema conclui perguntando: “Como/ foi possível que este homem alguma vez morresse?” Permito-me responder com o “Provérbio” de outro grande poeta português, Carlos de Oliveira: “A noite é a nossa dádiva de sol aos que vivem do outro lado da Terra”. O génio de Mozart avassala (no sentido etimológico de domínio incontestável) e ofusca muita excelente música de bons compositores setecentistas. Como seria radicalmente reescrita a história da Música se Mozart tivesse vivido, em vez de 35, os 74 anos de Händel, os 77 de Haydn, ou mesmo os 56 de Beethoven, menos dois apenas do que viveu Jorge de Sena. A morte (precoce) de um criador de tal dimensão será a sua dádiva imensa para que outros possam vir iluminar a Terra e ampliá-la de homens felizes.

Lisboa, Março de 2019

* Tem um multifacetado percurso no panorama cultural português. Músico de carreira internacional, é poeta, ficcionista, tradutor e ensaísta. Doutorado em Estudos de Cultura, é professor em Lisboa, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.